

A EVOLUÇÃO DAS SOCIEDADES E SEUS IMPACTOS: MUDANÇAS CULTURAIS, ECONÔMICAS, EDUCACIONAIS E AMBIENTAIS

A EVOLUÇÃO DAS SOCIEDADES E SEUS IMPACTOS - MUDANÇAS CULTURAIS, ECONÔMICAS, EDUCACIONAIS E AMBIENTAIS

Piedley Macedo Saraiva¹

Bruna Neves de Lima²

Lucas Custodio de Oliveira Silva³

Ionny Ellem Pereira Alves⁴

Katia Delfino da Silva⁵

Maria Daiane da Silva Quesado⁶

RESUMO: A evolução das sociedades humanas reflete um processo histórico e multidimensional, no qual interagem fatores econômicos, culturais, tecnológicos e ambientais. Desde as primeiras organizações tribais até as redes globais contemporâneas, a humanidade tem demonstrado uma notável capacidade de adaptação e transformação. O presente artigo analisa as principais mudanças ocorridas ao longo desse percurso, discutindo suas implicações sobre a economia, a cultura, a educação e o meio ambiente. A partir de autores como Giddens (2005), Canclini (2015) e Bauman (2001), busca-se compreender como tais transformações moldaram o comportamento social, as identidades coletivas e as dinâmicas produtivas da modernidade. Conclui-se que a configuração atual das sociedades exige novas formas de pensar o desenvolvimento, articulando crescimento econômico, inclusão social e sustentabilidade planetária.

4270

Palavras-chave: Sociedade. Globalização. Cultura. Educação. Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A trajetória das sociedades humanas constitui um movimento constante de construção, ruptura e reconfiguração de estruturas sociais. Conforme afirma Giddens (2005), cada sociedade é um sistema dinâmico, pautado pela interação entre indivíduos, instituições e contextos históricos. Desde as primeiras formas de organização comunitária até as complexas redes globalizadas, a humanidade passou por inúmeros processos de transformação — econômicos, políticos, simbólicos e ambientais.

¹Orientador / Professor, UNIFAP-CE.

²Enfermagem, UNIFAP-CE.

³Enfermagem, UNIFAP-CE.

⁴Enfermagem, UNIFAP-CE.

⁵Enfermagem UNIFAP-CE.

⁶Enfermagem, UNIFAP-CE.

A capacidade adaptativa representou elemento crucial para a sobrevivência das civilizações, permitindo que as culturas evoluíssem e se reinventassem diante dos desafios do tempo. No mundo atual, a velocidade da informação e a hegemonia tecnológica promoveram um tipo inédito de interconexão social, alterando profundamente as relações de trabalho, produção e convivência.

Bauman (2001) denomina essa nova configuração como modernidade líquida, expressão que sintetiza o caráter volátil e flexível das relações humanas na contemporaneidade. Assim, compreender o percurso evolutivo das sociedades humanas é compreender, igualmente, a história da busca por equilíbrio entre progresso e ética, crescimento e equidade, inovação e sustentabilidade.

DESENVOLVIMENTO

I. A EVOLUÇÃO DAS SOCIEDADES

A formação das primeiras sociedades humanas decorreu da necessidade de sobrevivência e cooperação. Nas comunidades primitivas, a estrutura social baseava-se em vínculos familiares e na divisão simples das tarefas ligadas à caça e à coleta. A fixação do homem no território, propiciada pela agricultura, constituiu passo decisivo para o surgimento das primeiras civilizações e da noção de propriedade (GIDDENS, 2005). 4271

Com o desenvolvimento de técnicas de irrigação e metalurgia, as cidades tornaram-se centros de poder político e religioso, e as trocas comerciais impulsionaram a formação de redes econômicas inter-regionais. A partir da Revolução Industrial, no século XVIII, o ritmo das transformações se acelerou exponencialmente. A mecanização da produção alterou não só as relações de trabalho, mas também a estrutura urbana e as dinâmicas familiares.

Berman (1986) ressalta que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, representando a ideia de que a industrialização e a modernização tornaram o mundo instável, sempre em reconstrução. Hoje, vivemos o ápice dessa instabilidade, com sociedades estruturadas sobre fluxos de informação e capital, em um ambiente digital globalizado que redefine conceitos de tempo, espaço e identidade.

2. IMPACTOS CULTURAIS E IDENTITÁRIOS

A cultura constitui o espelho mais sensível das transformações sociais. Ao longo da história, ela desempenhou papel de mediação entre tradição e mudança, expressando tanto a continuidade de valores quanto as rupturas provocadas pelas novas experiências coletivas.

Com o advento da globalização, a cultura passou a circular de modo mais intenso e veloz. Canclini (2015) destaca que vivemos uma era de hibridização cultural, em que elementos locais e globais se fundem, produzindo identidades múltiplas e dinâmicas. A cultura não é mais apenas expressão de um território, mas um sistema de significados em trânsito.

Entretanto, esse intercâmbio global também levanta contradições. A difusão massiva de produtos culturais pode gerar o que Appadurai (1996) chama de “paisagens culturais globais”, nas quais os símbolos se deslocam de seus contextos originais e adquirem novos sentidos. Esse fenômeno, por um lado, democratiza o acesso à diversidade; mas, por outro, suscita o risco de homogeneização e perda de autenticidade cultural.

Dessa forma, o desafio das sociedades atuais é valorizar o diálogo entre culturas, preservando suas heranças sem perder de vista a abertura ao novo. A cultura, enquanto espaço de resistência e reinvenção, representa o eixo simbólico para compreender o comportamento e as subjetividades contemporâneas.

4272

3. REPERCUSSÕES ECONÔMICAS E DESIGUALDADE GLOBAL

O campo econômico sempre esteve no centro das transformações sociais. Na Antiguidade, as trocas eram realizadas principalmente por escambo; com o surgimento do comércio marítimo, ampliaram-se as relações entre diferentes povos e consolidou-se a noção de riqueza como acúmulo.

A Revolução Industrial instituiu o capitalismo industrial, pautado na produção em larga escala e no trabalho assalariado. Marx (1867) descreveu esse processo como a passagem da subsistência para a exploração do trabalho humano em prol do lucro, revelando as contradições internas do desenvolvimento capitalista.

Na atualidade, a economia tornou-se essencialmente global e informatizada; o trabalho digital, as startups e as criptomoedas exemplificam a reconfiguração dos sistemas produtivos. Castells (2010) define esse momento como a “sociedade em rede”, em que o capital e a comunicação ultrapassam fronteiras físicas.

Todavia, as desigualdades persistem. Enquanto pequenas parcelas da população concentram a maior parte das riquezas, milhões de pessoas enfrentam precarização e exclusão social. A BBC Brasil (2023) aponta que os 10% mais ricos do planeta acumulam quase 70% da riqueza global — indicador que traduz a urgência de um modelo econômico mais justo e sustentável.

Portanto, a economia global, apesar de integrar mercados, ainda reproduz velhas assimetrias, exigindo políticas públicas e mecanismos internacionais voltados à redistribuição e à equidade.

4. EDUCAÇÃO COMO MOTOR DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A educação tem se mostrado um dos pilares centrais do desenvolvimento social e humano. Durkheim (1911) já afirmava que a educação é o processo pelo qual a sociedade transmite sua cultura e forma seus cidadãos, garantindo a coesão e a continuidade dos valores sociais.

Durante a modernidade, a educação passou por um processo de democratização, deixando de ser privilégio da elite para se tornar direito universal. No entanto, o século XXI impõe novos desafios: a inclusão digital, o aprendizado contínuo (*lifelong learning*) e a integração de diferentes saberes e culturas ao ambiente educacional.

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2023) reforça que a educação deve ser tratada como chave para o desenvolvimento sustentável, pois capacita o indivíduo a compreender criticamente sua realidade e agir sobre ela. Não basta ensinar conteúdos: é necessário formar cidadãos conscientes, autônomos e éticos.

Nesse sentido, a educação contemporânea precisa contemplar um currículo intercultural, ecológico e tecnológico, que promova o pensamento crítico, a criatividade e o engajamento social. Assim, a escola deixa de ser apenas um espaço instrucional para tornar-se um centro de formação integral, capaz de moldar futuros agentes de transformação.

5. DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

A relação entre sociedade e natureza é uma das mais profundas e problemáticas da história humana. O modelo de desenvolvimento baseado em crescimento ilimitado, típico da modernidade industrial, gerou impactos ambientais irreversíveis.

O documentário *A História das Coisas* (LEONARD, 2007) ilustra como o sistema produtivo contemporâneo mantém um ciclo de extração, consumo e descarte que resulta em

esgotamento de recursos e destruição do ecossistema. A crise climática atual evidencia as consequências dessa lógica — aumento da temperatura global, desertificação e perda de biodiversidade.

Relatórios recentes do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, 2024) alertam que, caso a temperatura global ultrapasse 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, os danos à agricultura, aos ecossistemas e às economias serão irreversíveis. Isso reforça a necessidade urgente de repensar o desenvolvimento sob a ótica da sustentabilidade.

Sachs (2002) propõe o conceito de ecodesenvolvimento, que integra crescimento econômico, equidade social e conservação ambiental. Essa abordagem reconhece que o progresso só é legítimo se respeitar os limites ecológicos e promover bem-estar coletivo.

Assim, a sustentabilidade deixa de ser apenas uma pauta ambiental para se tornar um princípio civilizatório, orientando políticas públicas, tecnologias e práticas cidadãs.

CONCLUSÃO

A evolução das sociedades humanas, da antiguidade às redes digitais do século XXI, revela um movimento contínuo de transformação, caracterizado pela busca do equilíbrio entre inovação e preservação. A cultura, a economia, a educação e o meio ambiente funcionam como eixos interdependentes desse processo: cada um influencia e é influenciado pelos demais. 4274

Compreender essa evolução é compreender a própria essência da humanidade — sua capacidade de aprender, adaptar-se e reconstruir-se. É também compreender que o progresso não pode ser medido apenas em ganhos tecnológicos ou econômicos, mas em qualidade de vida, justiça social e harmonia com a natureza.

Como sintetiza Giddens (2005), “o futuro das sociedades depende da reflexão que fazemos sobre nós mesmos”. Repensar nossa trajetória, portanto, é um convite a construir modos de existência mais éticos, diversos e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancia no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. BBC BRASIL. A economia e a globalização no século XXI. Disponível em: <https://bbc.com/brasil>. Acesso em: 21 out. 2025. BRASIL ESCOLA. A evolução das sociedades. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/evolucao-das-sociedades.htm>. Acesso em: 20 out. 2025. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da*



modernidade. São Paulo: EdUSP, 2015. CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005. LEONARD, Annie. *A História das Coisas (The Story of Stuff)*. Documentário, 2007. MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Hamburg, 1867. ONU. *Relatório Mundial de Desenvolvimento Sustentável*. Nova York: United Nations, 2023. SACHS, Ignacy. *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.